

29 JUL 1990

Credor teme demora para chegar a acordo

ESTADO DE SÃO PAULO

O presidente do Citibank acha o atual momento ideal para iniciar negociações

ANTÔNIO FÉLIX

O chairman do Citicorp, John Reed, chega hoje ao Brasil e, até sexta-feira, mantém reuniões em São Paulo, Rio e Brasília e participa das festas do 75º aniversário do Citibank no País. Em seguida, viaja para Montevideu mas no dia 7 estará de volta para participar de um seminário sobre dívida externa, em Brasília. Como representante do maior credor privado do País, o Citibank, Reed deve insistir para a abertura de negociações e o fechamento de um acordo logo entre Brasil e bancos, independentemente de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). "O momento é bastante propício a um acordo", diz Antônio Boralli, presidente do Citibank no Brasil. "O País tem um plano econômico em execução e está no caminho certo."

Há, observa Boralli, um receio quanto à excessiva demora para se chegar a um entendimento. "O volume de pagamentos atrasados pode ficar fora de controle", diz ele. "Em setembro estarão perto de US\$ 8 bilhões e, no primeiro trimestre de 1990, de US\$ 10 bilhões." Seria importante, de acordo com o presidente do Citibank, o início rápido das negociações. "Talvez o País não consiga, depois, condições tão boas como agora", afirma.

Os banqueiros, admite Boral-

li, tem suas razões para negociar já. Se o País fechar, antes, o acordo com o FMI, as margens para um entendimento com os bancos ficarão reduzidas. No acordo com o fundo já estaria definido o total a ser pago aos bancos. Não sobraria, portanto, qualquer margem de negociação. O relacionamento Brasil/bancos credores foi, dessa maneira, profundamente alterado nos últimos meses. Os banqueiros internacionais, antes, queriam que o País fechasse, primeiro, um acordo com o fundo para depois, então, negociar. Agora, pretendem o inverso.

"Quando o País não tinha um plano econômico, os credores preci-

savam obter garantias de outra forma", explica Boralli. Hoje, porém, observa, o País tem um plano econômico executado com firmeza. "No entanto, passa por uma situação na qual os fluxos monetários de capitais são negativos", afirma. O País, lembra o presidente do Citibank, tem remetido mais dinheiro do que recebido das entidades oficiais e governamentais — os únicos credores aos quais o Brasil ainda paga. "Como os bancos não recebem nada, na prática os atrasados significam uma forma de financiamento novo", diz Boralli.

□ *Ver mais informações sobre a dívida na página 4 e o perfil dos 75 anos do Citibank no Brasil na página 15.*